



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**AS REPRESENTAÇÕES DAS CIDADES DO ALTO VALE DO ITAJAÍ
NAS FONTES LITERÁRIAS**

Geneci Guimarães de Oliveira*
Claudia Musa Fay**

A presente comunicação tem como objetivo analisar, através do romance histórico, as diferentes representações das cidades do Alto Vale do Itajaí. Partindo da premissa de que as cidades são espaços de experiências coletivas e como tal afeitas à literatura, que entrecruzadas com as vivências dos sujeitos que nela habitam e a História fornecem elementos para a construção do conhecimento histórico.

As mudanças ocorridas a partir de 1940 encontram uma justificativa na crescente industrialização dos centros urbanos como Blumenau, Itajaí, Brusque e Rio do Sul, que formavam o chamado Vale do Itajaí, que se tornou mais intensa nas primeiras décadas do século XX.

Itajaí como uma cidade polo, situada ao norte do litoral de Santa Catarina, teve seu desenvolvimento pautado por uma dinâmica própria. Devido as características específicas de sua localização contribuiu para o incremento da colonização e do fortalecimento econômico desta região.

* PPGH- PUCRS/CAPES

** PPGH-PUCRS

Compreender as dimensões que podem tomar a análise dos múltiplos processos que uma sociedade estabelece no âmbito das relações e das suas redes sociais que nas cidades se formam, é mister para que sirvam de incremento à novas pesquisa e a procura de outras fontes possíveis. Assim que, busca-se nos caminhos possíveis da história cultural, (re) pensar as diversas formas da utilização da literatura, da sua comunicação e recepção de sua escrita. Como revela Chartier¹ a “apropriação” deve ser compreendida como “a maneira de usar os produtos culturais” e da “re-escritura”, que são recebidos de diferentes maneiras pelo leitor.

As obras literárias produzidas sobre o Alto Vale do Itajaí, constroem representações que vão se articulando com a realidade e daí, para a produção de textos que transportam o leitor para lugares e tempos distintos, reavivam memórias de um passado distante, de fatos e atos há muito praticados.

Partindo da literatura produzida por Urda Klueger sobre os diversos aspectos da colonização do Alto Vale do Itajaí, percebe-se como aconteceu a chegada de alemães, os caminhos que tiveram que percorrer, as formas de convivência e as redes de sociabilidade que estabeleceram naquela região.

No romance Verde Vale (vol. 1, 2003), a autora fala da chegada dos Sonne, colocando o leitor no dia a dia de uma família alemã que deixou sua terra natal em busca de melhores condições para viver:

Os colonos foram desembarcados na praia pequena e limpa, onde os esperava uma comitiva de homens da vila que crescia. Houve espanto e admiração entre os colonos loiros que chegavam ao ver-se frente a frente com homens negros. Mas eram homens e como tal foram respeitados e em muito ajudaram em tudo o que era mister ser feito.²

Muitas destas cenas aconteceram nas mais variadas regiões de colonização, de norte a sul do Brasil elas se repetiram. Assim chegados, a família Sonne segue em “lenta e quente caminhada que acabou já perto do meio-dia, quando a trilha terminou junto às pequenas casas da vila do Itajaí”.

¹ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990, p.27.

² KLUEGER, Urda Alice. **Verde Vale**. Blumenau: Hemisfério Sul, 2003, p.22.

As pesquisas sobre imigração contam da ida de colonos para os barracões onde aguardavam para o destino final. O romance de Urda descreve estas e outras cenas com a precisão que somente uma descendente de imigrantes poderia fazê-lo:

(...) além dos Sonne, outros sete imigrantes haviam chegado com o navio. Todos eles sentaram-se à sombra fresca das árvores e comeram sopa de peixe engrossada com farinha de mandioca, uma farinha grosseira e estranha. Depois houve feijão com carne, uma sobremesa de goiabas, frutas inteiramente desconhecidas, mas que fizeram grande sucesso. (...) Seriam acomodados num barracão que a Colônia conservava para esse fim ali na vila onde descansariam por alguns dias para refazerem-se da longa viagem. Só então seguiriam para a Colônia que distava dois a três dias rio a cima.³

No contexto histórico da imigração e colonização alemã no Brasil, temos estudos como os de Giralda Seyferth, que dão conta da participação dos alemães no processo de colonização, focalizando a fundação da primeira colônia na Bahia, em 1818, e o fluxo migratório que se estende de 1824 à década de 1930. Sabe-se que a presença de imigrantes é mais intensa em cidades como São Paulo, Porto Alegre e Curitiba, sendo que a maioria foram destinados às zonas rurais, engajados em projetos baseados na pequena propriedade familiar.

Santa Catarina recebe estas pessoas, vindas de tão longe para o povoamento das principais bacias hidrográficas, os chamados "vales" de imigrantes alemães, como o Vale do Itajaí, Vale do Cachoeira e outros. A localização destas colônias alemãs fazia parte das políticas governamentais para a colonização com imigrantes, ou seja, povoar terras devolutas, as mais apropriadas à instalação de colonos estrangeiros livres e europeus em áreas não ocupadas pela grande propriedade e, o processo sendo controlado pelo Estado.

A ação dos agenciadores durante um longo período, assim como, a propaganda oficial das empresas particulares de colonização, seduziram muitos camponeses, mas vieram também trabalhadores urbanos e artífices, em que todos estão à procura de melhores condições de vida, principalmente, o ser "dono da terra".

Muitos são os sentimentos destes homens e mulheres que vem para o novo mundo, mas a distância da pátria-mãe é o que marca demais estas pessoas:

Naquele começo de tarde, a vila parecia adormecida. Passaram através dela e resolveram ir até onde pudessem avistar o mar. Talvez nunca mais pudessem voltar até ali; queriam olhar o mar ainda uma vez; era

³ Idem, p.23-24.

como que uma despedida, como um adeus à pátria, à terra que havia ficado lá do outro lado. Sentaram-se à sombra para descansar, Ellen sentia dentro de si o coração palpitar de nostalgia e procurou abrigo junto ao peito de Humberto. Também nos olhos dele a nostalgia criara raízes e no abraço que a envolveu havia um pouco do desespero surdo da impotência. O futuro tinha algo de assustador e eles se apegavam às reminiscências da vida que havia ficado do outro lado do Atlântico para arranjar forças e coragem.⁴

Passados alguns dias chegara a hora da partida para a Colônia. Na sua maioria as colônias não contavam com a demarcação prévia de linhas e lotes. O trabalho fazia parte das tarefas que seria realizado pelos próprios imigrantes, constando da execução da abertura de picadas ou linhas, de pontes e pontilhões, estradas, a demarcação através de marcos divisórios, construção de alojamentos públicos entre outros.

A documentação oficial, as narrativas de imigrantes e a literatura sobre imigrantes trazem fatos que se entrelaçam e que contribuem para a compreensão do mundo a ser desbravado e colonizado: “Havia chovido na véspera e o céu estava com um teto de nuvens altas e leves. (...) era agradável o caminhar pela trilha anteriormente aberta na mata. Os Sonne caminhavam para suas terras”.⁵

O cotidiano daquelas famílias tiveram momentos de muito trabalho e incertezas, que se repetia com os Sonne vindos da cidade de Colônia, Alemanha, como retrata a obra de Urda Klueger:

Aqueles primeiros tempos foram difíceis. Os Sonne labutavam continuamente no seu silencioso trabalho dentro da mata, como sabiam que os outros colonos estavam fazendo em outros lugares da região. Eram apenas uma célula num grande organismo e muitas vezes sentiram-se solitários e desamparados no seu isolamento. Nestas horas a saudade da distante Alemanha latejava lhes no coração. Eles trocariam qualquer coisa pela oportunidade de estar de novo na velha casa de Colônia, com as janelas de vitrais, os vizinhos próximos, a estrada e o rio servindo de limite para os seus domínios. Então uma penumbra de tristeza e de desânimo descia sobre os corações, mas logo reagiam porque a realidade era outra e precisava ser enfrentada para dar direito à vida.”⁶

Muitas foram as dificuldades encontradas ao longo do processo de colonização, tais como, o desconhecimento da terra, a precariedade das ferramentas e dos meios de

⁴ KLUEGER, Urda Alice. **Verde Vale**. Blumenau: Hemisfério Sul, 2003, p.26-27.

⁵ Idem, p.31-32.

⁶ KLUEGER, Urda Alice. **Verde Vale**. Blumenau: Hemisfério Sul, 2003, p.33-34.

transporte, as doenças, as enchentes e as crescentes dívidas dos colonos junto aos comerciantes já estabelecidos na região.

Outros imigrantes foram chegando para o povoamento da região e com eles as redes de relacionamentos se ampliavam. O sentimento de solidariedade ganhava força naquelas comunidades que tinham muitas perdas em comum, mas o desejo de fazer daquele pedaço de chão a suas vidas futuras:

Com vizinhos agora tão próximos, Humberto Sonne já não tinha tanto medo de sair de casa. Pelos meados de junho, os vizinhos daquele lado da Colônia reuniram-se em mutirão. A picada aberta na beira do rio pelas andanças através da floresta já não era suficiente: os Bähr, os Morauer e os Zumacher já tinham feito a sua primeira colheita e precisavam de estrada. O mutirão visava a suprir essa necessidade de todos os colonos e a direção da Colônia ainda iria lhes dar um pagamento pela prestação de serviços públicos.⁷

Aos poucos os problemas vão sendo superados e as colônias através do plantio diversificado de culturas, da criação de pequenos animais e da produção artesanal vai formando um novo segmento naquela sociedade, os pequenos produtores rurais que vai evoluir para uma insipiente indústria familiar nos anos 1940. Nos pequenos núcleos urbanos está a semente da industrialização nos ramos de têxteis e metalúrgico, nos fabricos cerâmicos e trabalhos em couro e madeira, surgida no final do século XIX.

Como defende Ginzburg⁸, é “escavando os meandros dos textos, contra as intenções de quem os produziu, podemos fazer emergir vozes incontroladas. (...) nos romances medievais, podemos detectar usos e costumes, isolando, na ficção, fragmentos de verdade”. Da mesma forma, do romances históricos de Urda Klueger, pode-se extrair dados importantes a respeito da formação dos núcleos urbanos e da indústria catarinense.

No início, pequenas casas de comércio em meio aquele povoado distante. Vendiam de tudo, como relatado no romance Verde Vale: “sal, açúcar, munição para as armas de caça, querosene para os lampiões, farinha de trigo para quem se dava ao luxo de compra-la, alguns pares de botas, algumas peças de riscado, dois arados e muitas

⁷ Idem, p.48-49.

⁸ GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 10-12.

ferramentas para serem usadas na terra”⁹, artigos necessários à manutenção daquela comunidade.

Os Sonne prosperaram, casaram suas filhas, uma delas com um comerciante do ramo madeireiro: “Parecia que o país inteiro estava precisando, de boas tábuas bem serradas. Além do depósito no armazém de Heinz, Helmuth começou a despachar balsas e mais balsas de madeira rio abaixo, para ser embarcada em navios no porto de Itajaí.”¹⁰

A prosperidade dos imigrantes transformara a paisagem do pequeno núcleo de poucas casas feitas de troncos de árvore, no vilarejo:

A pequenina vila das margens do rio Itajaí-Açu tornara-se um centro comercial populoso, bonito e bem organizado, com casas de comércio e belas residências construídas em estilo europeu ao longo de toda a rua principal, chamada Rua do Itajaí, e que mais tarde se tornaria a XV de Novembro. Pelos interiores, cortando em todas as direções a imensa floresta Atlântica, os sítios cresciam, floresciam e se multiplicavam. Novas pequenas povoações surgiam em locais inesperados, numa progressão geométrica que talvez não tivesse sido imaginada nem sequer pelo fundador da Colônia. As pequenas indústrias expandiam-se em número, diversificação e em tamanho.¹¹

Na obra de Klueger podemos perceber indícios que nos levam a refletir sobre a importância do rio Itajaí-Açu e o papel que o porto de Itajaí desempenhou no desenvolvimento da região do Alto Vale. A produção, seja da pequena indústria ou das propriedades rurais precisavam ser escoados e, com a precariedade das estradas em quase todo o país, o porto levaria aos diversos destinos, distribuiria internamente, assim como, lançava no mercado internacional as demandas do momento.

A característica das cidades portuárias, remete à interação entre porto e cidade, em que ambos formam um sistema de intercâmbios e complementaridades, com variações de tempo e submetidos à diversidade dinâmicas das forças produtivas, das inovações tecnológicas, das transformações sociais e urbanas. Assim que, as alterações na utilização e infraestruturas portuárias provocam diferentes posicionamentos diante deste novo espaço urbano e portuário. Da mesma forma o incremento e a expansão urbana provocam na cidade um novo posicionamento em relação ao porto.

⁹ KLUEGER, Urda Alice. **Verde Vale**. Blumenau: Hemisfério Sul, 2003, p.155.

¹⁰ Idem, p. 173

¹¹ Idem, p. 193-194.

No Brasil e especificamente no Alto Vale do Itajaí, as cidades portuárias constituíram ligações importantes nas interações espaciais e sociais, marcaram uma inserção constante da economia local com as outras redes comerciais do país e do mundo. Eles foram as portas para a entrada e saída dos produtos que iam e vinham do Velho Mundo e, receberam as levas de imigrantes que aqui chegaram, se instalaram e nestas terras construíram suas vidas.

Rio e mar, porto e cidade serviram de acesso à comunicação e base de transporte, conferindo às empresas o apoio comercial necessário para a ampliação das colônias do vale. Aparentemente, ocorreu com isto uma reversão do processo de ocupação de terras em que se dá o declínio da agricultura no médio e baixo Vale do Itajaí. O romance *Verde Vale* toca levemente nestes aspectos na medida que fala da prosperidade financeira da região e da família Sonne: “quando o progresso chegou rodeando a propriedade de fábricas, pedaços de terra foram vendidos para loteamentos, um aqui, outro acolá.”¹²

A compreensão a respeito da dimensão urbana na análise dos múltiplos processos sociais e das redes que se estabelecem no amplo espectro desenvolvido nas cidades, sejam elas portuárias ou não, devem ser analisados e problematizados à luz das diversas áreas do conhecimento, incluindo nestes estudos a literatura, uma importante fonte de reflexão, na qual pode-se visualizar as diversas formas de representação que a cidade adquire, na medida em que se percebe as novas possibilidades que se descortinam e a disparidade na organização dos espaços urbanos.

Portanto, é necessário o pensar a cidade enquanto um ambiente de troca e convivência, que tem um passado histórico a ser considerado, mas ao mesmo tempo, deve-se lançar novos olhares sobre este objeto de estudo, cuja existência é possível enquanto imaginadas, vividas e discutidas pelos atores que as habitam e as transformam nas suas mais variadas dimensões.

Urda Klueger vai construindo suas narrativas e colocando o leitor em cada rastro traçado. Ao pesquisador cabe indagar e dialogar com outras fontes, quando se trata das chegadas de imigrantes alemães, os desafios enfrentados por eles, a adaptação à nova terra e as táticas desenvolvidas para ali se fixarem e prosperarem. No romance *Verde Vale*, a autora busca nas suas raízes de uma descendente de imigrantes alemães, os valores que se fizeram presentes na construção e desenvolvimento das regiões do Alto Vale do

¹² KLUEGER, Urda Alice. **Verde Vale**. Blumenau: Hemisfério Sul, 2003, p.200.

Itajaí. Assim que, a partir do romance histórico, também pode-se observar as distintas representações que uma cidade pode suscitar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011. 213p.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

_____. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América – a imigração em massa para a América Latina*. S. Paulo: Memorial/EDUSP, 1999.

FOUQUET, C. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Relações de força: História, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HERING, Maria Luiza Renaux. *Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: o Modelo Catarinense de Desenvolvimento*. Blumenau: Editora da FURB, 1987

HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*. Blumenau: Editora da FURB, 1993.

KLUEGER, Urda Alice. *Verde Vale*. Blumenau: Hemisfério Sul, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Ed.UNICAMP, 1990.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

SEIFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis: FCC, Ed., 1982.

A colonização alemã no Brasil: Etnicidade e conflito. In: Fazer a América – a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: Memorial/EDUSP, 1999.

